

A AUSÊNCIA OU PRESENÇA DE ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE TOPÔNIMOS NA FALA DOS MORADORES DA ZONA RURAL DAS CIDADES DE MATIPÓ E ABRE CAMPO

Andréia Almeida MENDES
Universidade Federal de Minas Gerais
andrealettras@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho trata do fenômeno da ausência/presença de artigo definido diante de topônimos na fala dos moradores da zona rural das cidades de Matipó e Abre Campo. Apesar de serem vizinhas limítrofes e de possuírem a fala marcada por padrões divergentes em relação ao uso de antropônimos – na zona rural de Abre Campo, não há uma variante predominante; na zona rural de Matipó, por sua vez, predomina a presença do artigo definido – esse fenômeno de variação não parece divergir, na quantificação geral, quando se analisa a fala destes mesmos moradores com relação ao uso dos topônimos; mas, quando se analisam fatores isolados, percebe-se uma divergência no uso. A pesquisa adota alguns pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística assumidos por Labov (1972), Milroy (1987) e (1992).

Palavras-chave: artigo definido; topônimos; Matipó; Abre Campo.

1 Considerações iniciais:

Analisa-se neste artigo o padrão de comportamento linguístico dos moradores da zona rural de Abre Campo e Matipó com relação aos topônimos. A hipótese deste trabalho partiu da observação, impressionística, da fala dos moradores da zona rural das cidades de Abre Campo e de Matipó, acreditava-se que a fala desses moradores apresentava um comportamento variável e diferenciado no que diz respeito ao uso do artigo definido diante de topônimos. Ao se analisar o fenômeno em questão com relação aos antropônimos, percebeu-se que havia variação nas duas localidades; mas, percebe-se que a fala dos moradores da zona rural de Abre Campo era marcada pela preferência a utilizar mais a ausência de artigo definido diante de antropônimos e a fala dos moradores de Matipó, por sua vez, apresenta uma tendência a utilizar mais a presença do artigo definido nesse mesmo contexto. A análise dos topônimos, por sua vez, mostrou ter um padrão divergente do padrão dos antropônimos, podendo-se ressaltar o fator proximidade do topônimo com relação à terra natal o mais significativo.

Descrever-se-á, inicialmente, o fenômeno; a seguir, haverá detalhamento do histórico da região; seguido dos pressupostos teóricos; posteriormente, a metodologia aplicada será descrita; para, depois, realizar a análise dos dados e trazer as considerações finais.

2 O fenômeno:

Para Rocha Lima (1980, p. 84), o artigo definido é visto como a classe que se associa ao substantivo “para indicar que se trata de um ser claramente definido entre outros da mesma espécie”, um ser que o ouvinte ou o leitor já conhecem. O artigo indefinido, por sua vez, é empregado de maneira a não individualizar o ser entre outros da mesma espécie, impossibilitando o leitor ou o ouvinte de identificar precisamente o referente. Na abordagem de Cegalla (1981, p. 135), o artigo é a classe que se antepõe aos substantivos para determiná-los de modo preciso, particular (artigo definido) ou de modo vazio, impreciso, geral (artigo indefinido). Segundo Cunha (1975, p. 144), dá-se nome de artigo definido às palavras o (com

variações a, os, as), que se antepõe aos substantivos para indicar que se trata de um ser claramente definido.

Como se percebe, as gramáticas tradicionais não colocam nada de novo ao tentar definir essa classe de palavras, definem o artigo como um modelo conceitual e funcional, limitando-se ao âmbito da sentença; assim, quase todas as regras e conceituações apresentadas são anacrônicas e não consideram as variações regionais, as situações de registro e nem o nível discursivo. Quase todos os gramáticos ressaltam apenas a questão da determinação ou indeterminação e a variação em gênero e número. Não fica claro em nenhuma delas o exato alcance desse conceito de determinação e indeterminação. A tradição gramatical falha “não somente por reduzir a noção de artigo aos parâmetros da determinação e indeterminação do substantivo, mas também por pouco explorar (ou ignorar) a dimensão discursiva nesse estudo.” (MOISÉS, 1995, p.34)

A Toponímia, por sua vez, tem por objeto de estudo os nomes próprios de lugar. Configura-se como o estudo dos nomes, no espaço, no tempo, e também como um signo linguístico que revela a cultura e os costumes de um grupo social. O topônimo surge da necessidade de se indicar algo; diferente dos nomes comuns, que tem a função de significar algo; assim, ao se “batizar” uma localidade, o que era arbitrário linguisticamente, transforma-se, no ato do batismo, em um termo essencialmente motivado.

Dick (1990) define a Toponímia como “um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”. O mecanismo de nomeação é causado por um vínculo estreito entre o objeto denominado e o seu denominador. Essa motivação tanto pode ocorrer por causas claras como subjetivas; por isso, o que inicialmente é transparente, pode, com o tempo, perder a sua relação com a etimologia primitiva. Isso ocorre, como já foi dito, pois, no primeiro momento da nomeação é o homem quem escolhe o nome, “permitindo a averiguação de todos os impulsos que sujeitaram o ato mediador, num segundo momento, é a denominação que irá condicionar e determinar os rumos dos estudos toponímicos” (DICK, 1990, p.26).

Ao se observar o uso do artigo definido diante de topônimos, nota-se, de acordo com a definição dos gramáticos, que existem alguns nomes que repelem e outros que exigem artigo, mas não dão nenhuma regra para separá-los nesse agrupamento. Almeida (1952) nos diz que o artigo é usado “salvo exceções, que não são poucas, com os nomes próprios geográficos: o Rio de Janeiro, a Argentina, os Estados Unidos”. Cegalla normatiza que alguns locativos que repelem artigo deixarão de repelir “sempre que vierem caracterizados por adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva: O velho Portugal, a Roma dos Césares, a Atenas de Péricles, a soberba Catargo, (...)” (CEGALLA, 1981, p. 452)

Silveira Bueno (1955) nos diz que até hoje essa regra varia muito, notando-se que a maioria está pelo uso do artigo, mormente se o nome geográfico antes de ser um nome próprio era um nome comum; assim, diz-se: a Bahia, o Recife, a Paraíba, mas São Paulo, Santa Catarina.

Na língua arcaica a nota predominante é a omissão do artigo, uso que se estendeu por todo o período clássico. Duarte Pacheco, escrevendo obra de geografia, ministra-nos muitos exemplos em seu “Esmeraldo de Situ Orbis”: “... há grandeza d’Africa e asy d’Asia (18) (...)”

Nota-se mesmo uso em João de Barros: Levantando-se em terra de Arábia aquele Anti-Christo Mafamede (Dec. I-5) – “... em espaço de cem annos conquistaram em Ásia toda Arábia... Deus quis simular os pecados de Hespanha” (...) “concorrem muitos mercadores do Cairo, de Tunes, de Ourão, Tremecem, Fez, Marrocos e de outros Reynos, etc.”

Nesses exemplos de dois escritores que trataram de assuntos geográficos e históricos, vemos que, predominando a omissão de artigo, não é contudo absoluta porque num e noutra caso aparece o determinativo. Camões,

porém ainda disse no episódio dos doze de Inglaterra: “Porque serei comvosco em Inglaterra” (Lus. VI-57) (SILVEIRA BUENO, 1955, p. 229)

Para Mira Mateus (1983, p. 73), em português, “o artigo definido precede a maioria dos nomes próprios geográficos (*a Espanha, Os Himalaias, o Pacífico, o Sado, ...*). Exceptuam-se os nomes de cidade – salvo os formados historicamente a partir de nomes comuns (*Porto, ...*) – e os nomes de alguns países (*Portugal, Angola, Cabo Verde, Cuba, Moçambique, S. Salvador, S. Tomé e Príncipe*). (cf. CUSTEA e LUZ 80, p.464)”

Sacconi (2006, p.2-3) normatiza que o artigo definido diante de topônimos deve ser usado nos seguintes casos: 1) antes de nomes próprios de lugar: *o Brasil, o Tocantins, o Mato Grosso do Sul, o Uruguai, a França, os Estados Unidos etc.*, e aponta algumas exceções: *Portugal, Goiás, Sergipe, Pernambuco, São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso etc.*; 2) antes de nomes próprios de mares, rios, montes e constelações: *o oceano Pacífico, o mar Morto, o Amazonas, o Tietê, o Himalaia, a Via Láctea etc.*; 3) antes de nomes de alguns bairros: *a Penha, a Lapa, a Tijuca, o Leblon etc.*; tendo como exceções os seguintes nomes: *Copacabana, Cascadura, Catumbi, Santa Teresa, Itapuã, Piatã, Perdizes, Pinheiros, Santana*. O artigo não deve ser usado nos seguintes casos: 1) antes de nomes de cidades: *Lisboa, Coimbra, São José do Rio Preto, Ribeirão Preto, Lajes, Londres, Paris*; sendo exceções os seguintes nomes: *o Porto, o Rio de Janeiro, o Cairo, o Recife, o Aracaju* (sendo que *Recife e Aracaju* podem ainda dispensar artigo); 2) antes de nomes de planetas: *Mercúrio, Saturno, Plutão, Júpiter, Vênus, Marte, Netuno*, funcionando as seguintes palavras como exceções: *a Terra, o Sol, a Lua*. O autor relata ainda casos em que o uso do artigo é facultativo, dizendo que antigamente, os nomes *Europa, Ásia e África* não eram acompanhados de artigo, assim como os de alguns países: *Espanha, França, Inglaterra, Escócia, Holanda e Flandres* que podem vir desacompanhados de artigo quando estiverem regidos pela preposição: “*Vim de Europa ontem*”, “*Morei em Holanda muito tempo*”, “*Ela chegou de França há pouco*”. “*Estivemos em Escócia o ano passado*”.

Como se percebe, o que normatizam as gramáticas a respeito do emprego do artigo diante de topônimos é insuficiente para explicar o fenômeno, uma vez que as regras são superficiais. Ao tentar normatizar ao seu respeito, na maioria das vezes, fundam regras sem embasamento que são, na realidade, meras listagens contendo casos que se encaixam ao que é postulado e inúmeras exceções. Cabe lembrar que alguns gramáticos nem citam a questão. Com relação a estudos específicos a respeito do assunto, até onde se teve conhecimento, apenas Callou (2000), cita, em seu estudo, o uso do artigo diante de topônimos no português do Brasil; mas, ao identificar o seu objeto de estudo, deixa claro que tratará apenas do uso do artigo definido diante de nome próprio de pessoa, deixando o estudo dos nomes próprios locativos para outra análise, uma vez que eles apresentam comportamento diverso, variando conforme o item lexical.

3 Pequeno histórico da região:

Segundo Blasenheim (1982), Matipó e Abre Campo situam-se na Zona da Mata mineira; esta região foi povoada por bandeirantes que saíam da Baía da Guanabara e seguiam à procura de ouro e pedras preciosas. A primeira expedição a tocar a Mata de Minas Gerais saiu da Guanabara em abril de 1543: eram quatro portugueses a explorar a sertão da costa do Rio de Janeiro; eles andaram bastante até alcançarem esta região.

A cidade de Abre Campo surgiu em uma sesmaria obtida junto à Coroa pelo desbravador José do Vale Vieira, em 1755, dando espaço à exploração e povoamento das terras de Abre Campo. Anos antes, em 1734, o explorador Matias Barbosa da Silva, liderando uma bandeira de setenta homens livres e cinquenta escravos, chegou até uma localidade de nome "Escadinhas da Natividade", onde combateu índios botocudos. O bandeirante fundou,

nessa época, um presídio que teve vida efêmera, já que foi destruído pelos indígenas da região. Muitos anos se passaram até que surgisse novamente um povoado. Em abril de 1846, tornou-se distrito como parte do município de Mariana. Quatro anos depois, elevou-se o lugar à condição de paróquia, sendo reconstruída uma nova igreja. Em 27 de julho de 1889, foi criado o município de Abre Campo em território desmembrado de Ponte Nova.

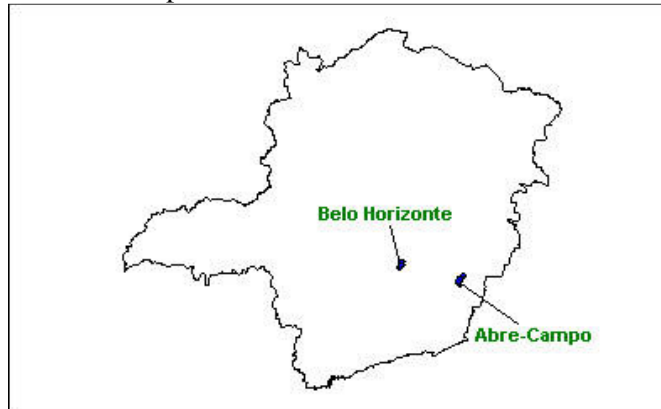


Figura 1: Mapa de Minas Gerais localizando Belo Horizonte e Abre Campo
Fonte: IGA (Instituto de Geociência Aplicada) em 10/05/1999

A formação e a colonização da cidade de Matipó remontam do século XVIII, ou seja, de 1790; nesta época, João Fernandes dos Santos doou as terras onde se deu o povoado; inicialmente, as casas foram sendo construídas pelos empregados e outros, que aos poucos foram invadindo espaços. João Fernandes, vendo suas terras invadidas, já com igreja e quase uma centena de casas, resolveu doar três alqueires de terra para formação deste povoado. O povoado, em 1860, passou a denominação de São João do Matipó. O povoado passa a distrito no final do regime monárquico de Dom Pedro II, integrando o município de Abre Campo até o ano de 1928, em que passa a ser considerado município.

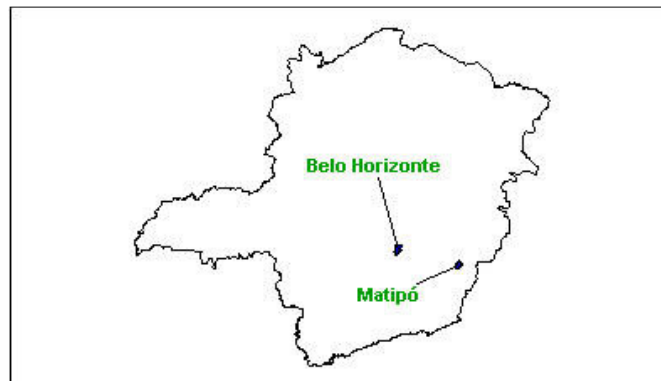


Figura 1: Mapa de Minas Gerais localizando Belo Horizonte e Matipó
Fonte: IGA (Instituto de Geociência Aplicada) em 10/05/1999

4 Pressupostos teóricos:

A Sociolinguística estuda e observa os padrões de comportamento linguístico dentro de uma comunidade de fala, formalizando-os analiticamente através de um sistema heterogêneo. Assim, comunidade de fala é, dentro dessa teoria, um grupo de pessoas que compartilha traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente, compartilham normas e atitudes diante

do uso da linguagem. (LABOV, 1972, p. 87). Dessa forma, nas comunidades de fala sempre existirão formas linguísticas em variação que recebem o nome de "variantes linguísticas". Nesse sentido, cabe à Teoria da Variação considerar a língua em seu contexto sócio-cultural, uma vez que, parte da explicação para a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos concretos pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua. Deste modo, a variação é um fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas “de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2000, p.8), denominadas variantes.

Milroy (1992), por sua vez, diz que a língua muda no presente da mesma forma que mudou no passado e que a homogeneidade linguística é uma idealização; uma vez que a estrutura da língua é, na verdade, heterogênea e é justamente essa heterogeneidade que é de fundamental importância para detectar a variação e o processo de mudança. Segundo ele, alguns estudiosos vêem a variação como uma espécie de doença que fere a língua de tempos em tempos; e a mudança, quando percebida, é vista como erro. A língua é uma heterogeneidade ordenada e essa necessidade que muitos estudiosos têm de provar estados uniformes da língua é, na realidade, uma idealização, uma vez que os estados variáveis da língua são normais.

Em Milroy (1980), a autora introduz o conceito de rede social como variável independente. Nasce, com esse estudo, a possibilidade de se integrar a análise de rede ao estudo da variação linguística de vertente laboviana. Com o estudo das redes sociais, conhece-se padrões e conflitos das comunidades que possibilitam ao investigador “dar conta das diferenças sistemáticas no uso da linguagem entre indivíduos e entre subgrupos da população os quais, em termos de status social, são homogêneos”¹. (MILROY, 1980, p.17)

5 Metodologia:

A escolha das cidades de Abre Campo e Matipó ocorreu devido ao fato de que, apesar de serem próximas (22 km), possuírem a sua fala marcada por padrões divergentes em relação ao uso de antropônimos– na zona rural de Abre Campo, não há uma variante predominante; na zona rural de Matipó, por sua vez, predomina a presença do artigo definido – esse fenômeno de variação não parece divergir, na quantificação geral, quando se analisa a fala destes mesmos moradores com relação ao uso dos topônimos; mas, quando se analisam fatores isolados, percebe-se uma divergência no uso. A hipótese inicial proposta neste trabalho seria a de que se encontraria o mesmo padrão visto acima com relação aos topônimos.

Para tanto, o *corpus* baseou-se em 8 narrativas orais com duas faixas etárias: uma formada por falantes idosos com mais de 70 anos e outra por jovens com idade entre 18 a 30 anos. Cabe ressaltar que essas entrevistas foram realizadas nas zona rural das cidades de Matipó e Abre Campo. Após a exclusão dos dados, trabalhou-se com o total de 228 (duzentos e vinte e oito) ocorrências de topônimos, assim divididos: 113 (cento e treze) de Matipó e 115 (cento e quinze) de Abre Campo. Isso pode ser visualizado na tabela abaixo:

¹ “account for systematic differences in language use between individuals, and between subgroups in the population of communities which, in terms of social status are relatively homogeneous” (MILROY, 1980, p.17) tradução nossa

TABELA 1
Número de ocorrências de topônimos em cada localidade

Localidade	Topônimos
Abre Campo	115
Matipó	113
Total	228

Considerou-se, neste estudo, os fatores idade, gênero, proximidade do topônimo com relação à cidade natal de cada indivíduo e tipo de topônimo. Todos os dados foram quantificados sem a utilização de nenhum programa estatístico, acreditou-se que uma maior proximidade com os dados poderia trazer maior sensibilidade linguística à pesquisadora.

6 Análise dos dados:

A hipótese deste trabalho partiu da observação, impressionística, da fala dos moradores da zona rural das cidades de Abre Campo e de Matipó, acreditava-se que a fala desses moradores apresentava um comportamento variável e diferenciado no que diz respeito ao uso do artigo definido diante de topônimos. Ao se analisar o fenômeno em questão com relação aos antropônimos, percebeu-se que havia variação nas duas localidades; mas, percebeu-se que a fala dos moradores da zona rural de Abre Campo era marcada pela preferência a utilizar mais a ausência de artigo definido diante de antropônimos e a fala dos moradores de Matipó, por sua vez, apresenta uma tendência a utilizar mais a presença do artigo definido nesse mesmo contexto.

Ao se analisar a ausência ou presença do artigo definido nos SN's formado por topônimos nas duas localidades, em um total de 228 – sendo que 115 na fala dos moradores de Abre Campo e 113 na fala dos moradores de Matipó –, verificou-se que o comportamento diferenciado existente com relação ao uso de artigo definido diante de antropônimos inexistia ao realizar a quantificação geral; mas, ao mesmo tempo, alguns fatores isolados pareciam favorecer-lo.

Assim, com relação aos topônimos, constatou-se que, em Abre Campo, 60 (sessenta) ocorrências eram articuladas, ao passo que 55 (cinquenta e cinco) não, havendo, assim, uma ligeira inferioridade com relação à ausência de artigo no contexto citado. O que pode ser observado na tabela abaixo:

TABELA 2
Distribuição da ausência/presença de artigo definido diante de topônimos na zona rural de Abre Campo

	Número	%
Presença	60	52%
Ausência	55	48%
Total	115	100%

Na zona rural de Matipó, por sua vez, constatou-se que 57 (cinquenta e sete) ocorrências de topônimos eram articuladas, ao passo que 56 (cinquenta e seis) não; percebeu-

se que a diferença sintática com relação à ausência ou à presença de artigo definido foi nula ao se analisar os topônimos. A tabela abaixo demonstra isso de forma mais nítida:

TABELA 3
Distribuição da ausência/presença de artigo definido diante de topônimos na zona rural de Matipó

	Número	%
Presença	57	50%
Ausência	56	50%
Total	113	100%

Quando se optou por analisar fatores isolados, como já foi dito, percebeu-se, então, padrões mais variáveis e fatores condicionantes. Além do fator localidade, visto desde a quantificação geral, analisaram-se, também, outros fatores: gênero, idade, topônimos da cidade natal e tipo de topônimo,

Ao analisar o fator gênero nas localidades da zona rural de Abre Campo e de Matipó com relação ao emprego ou não de artigo definido diante de topônimos, chegou-se aos seguintes resultados mostrados na tabela abaixo:

TABELA 4
Distribuição da ausência/presença de artigo definido diante de topônimos na zona rural de Abre Campo – fator gênero

	Mulheres	%	Homens	%
Presença	25	51%	35	53%
Ausência	24	49%	31	47%
Total	49	100%	66	100%

TABELA 5
Distribuição da ausência/presença de artigo definido diante de topônimos na zona rural de Matipó – fator gênero

	Mulheres	%	Homens	%
Presença	37	46%	20	62,5%
Ausência	44	54%	12	37,5%
Total	81	100%	32	100%

Em Abre Campo, com relação aos topônimos, a situação quase se iguala, a variante presença é ligeiramente mais utilizada pelos homens (53%) do que pelas mulheres (51%). Já em Matipó, os homens que mais utilizam o artigo definido (62,5%) do que as mulheres (46%).

Já com relação ao fator idade, trabalhou-se, com já informado, com duas faixas etárias: a primeira variando de 18 a 30 anos e a segunda, acima de 70 anos. As tabelas abaixo retratam os resultados da quantificação:

TABELA 6
Distribuição da ausência/presença de artigo definido diante de topônimos na zona rural de Abre Campo – fator idade

	18 a 30 anos	%	acima de 70 anos	%
Presença	25	51%	35	53%
Ausência	24	49%	31	47%
Total	49	100%	66	100%

TABELA 7
Distribuição da ausência/presença de artigo definido diante de topônimos na zona rural de Matipó – fator idade

	18 a 30 anos	%	acima de 70 anos	%
Presença	8	50%	49	50%
Ausência	8	50%	48	50%
Total	16	100%	97	100%

Como se percebe, o fator idade não foi determinante tanto em Abre Campo quanto em Matipó para a análise do fenômeno em questão; percebe-se, portanto, que o uso do artigo definido diante dos topônimos não parece ser motivado pelo fator idade.

Analisou-se também se os informantes tinham um comportamento diferenciado em cada uma das localidades ao mencionar topônimos de sua cidade de origem com relação a topônimos de cidades que não eram a sua. As tabelas e gráfico abaixo retratam essa análise:

TABELA 8
Análise da ocorrência de ausência ou presença de artigo definido diante dos topônimos da cidade natal em Abre Campo

	Cidade natal	%	Outras localidades	%
Presença	22	56	39	51
Ausência	17	44	37	49
Total	39	100%	76	100%

TABELA 9
Análise da ocorrência de ausência ou presença de artigo definido diante dos topônimos da cidade natal em Matipó

	Cidade natal	%	Outras localidades	%
Presença	35	71	15	23
Ausência	14	29	49	77
Total	49	100%	64	100%

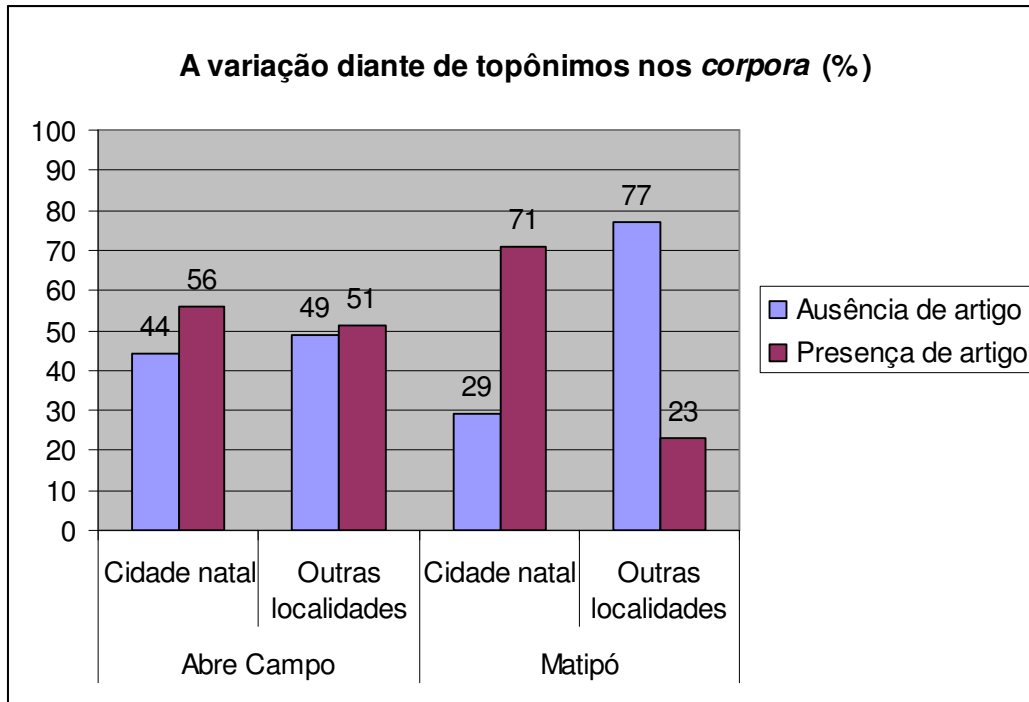


GRÁFICO 10: Distribuição da variante ausência/presença de artigo definido diante de topônimos com relação à cidade natal do informante nas localidades de Abre Campo e Matipó

Percebe-se que em Abre Campo esse fator não foi determinante; mas que, em Matipó, os falantes tendem a utilizar o artigo para se referirem aos topônimos de sua cidade natal, ao passo que usam a ausência de artigo para se referirem aos topônimos de outras localidades, isso pode ser atrelado também ao fator intimidade, uma vez que, segundo trabalhos anteriores e gramáticas normativas, parece determinar o uso de artigo definido diante de antropônimos. Assim, a relação de proximidade com os topônimos da cidade natal é muito maior do que a relação de proximidade com topônimos de outras cidades, o que justifica o uso do artigo; quando se trata de topônimos de outras localidades, não existe ou quase não existe esse tipo de relação, o que justificaria a ausência do artigo definido.

O último fator analisado diz respeito ao tipo de topônimo. Os gramáticos analisam o uso do artigo definido diante de topônimos como muito variável, as regras postuladas por eles também variam muito. Quase todos postulam apenas que alguns nomes repelem artigo e outros não, sem dar uma explicação lógica para isso. Alguns gramáticos como Almeida (1952) e Silveira Bueno (1955) analisam que a maioria dos topônimos são usados com artigo, salvo raras exceções que não são descritas. Mira Mateus (1983) também postula a regra do uso de artigo definido diante de nomes geográficos, a menos que esse nome seja historicamente formado a partir de um nome comum. Sacconi (2006) tenta normatizar o uso do artigo definido diante de topônimos tentando formular uma regra em que o uso seja justificado pelo tipo de topônimo, mas o que se vê são regras superficiais que possuem mais exceções do que normatizações. Ao analisar o uso do artigo definido pelos informantes da presente pesquisa com relação ao tipo de topônimos, pretendia-se verificar se esse fator seria responsável pelo fenômeno de variação; após quantificação dos dados, chegou-se aos resultados apresentados nas tabelas abaixo:

TABELA 10

Análise da ocorrência de ausência ou presença de artigo definido com relação ao tipo de topônimo em Abre Campo

Tipo de topônimo	Ocorrências com artigo	%	Ocorrências sem artigo	%
1. Cidade ou distrito	43/95	45	52/95	55
2. Bairro	2/4	50	2/4	50
3. Córrego	6/7	86	1/7	14
4. Fazenda, sítio ou casa	3/3	100	0/3	0
5. Rua	0/0	0	0/0	0
6. País	0/0	0	0/0	0
7. Igreja	0/0	0	0/0	0
8. Região	1/1	100	0/1	0
9. Estabelecimento comercial	2/2	100	0/2	0
10. Serra	2/2	100	0/2	0

TABELA 11

Análise da ocorrência de ausência ou presença de artigo definido com relação ao tipo de topônimo em Matipó

Tipo de topônimo	Ocorrências com artigo	%	Ocorrências sem artigo	%
1. Cidade ou distrito	28/81	35	53/81	65
2. Bairro	6/7	86	1/7	14
3. Córrego	2/4	50	2/4	50
4. Fazenda, sítio ou casa	9/14	64	5/14	36
5. Rua	2/2	100	0/2	0
6. País	1/2	50	1/2	50
7. Igreja	2/3	67	1/3	33
8. Região	0/0	0	0/0	0
9. Estabelecimento comercial	0/0	0	0/0	0
10. Serra	0/0	0	0/0	0

Em Abre Campo, o número de ocorrências de alguns fatores não é suficiente; quase todos os topônimos referem-se a nomes de cidade ou de distrito, sendo vista uma leve tendência a utilizar esses nomes sem artigo definido (55%); já os nomes de córrego, foram quase todos utilizados com a presença de artigo (86%). Já em Matipó, o número de ocorrências de diversos fatores também não é suficiente; assim como em Abre Campo, a tendência é não se empregar artigo definido diante de nomes de cidade ou distrito, sendo que o percentual de empregos sem artigo nessa cidade é um pouco maior (65%). Já os nomes de fazenda, sítio ou casas, tendem a ser empregues com artigo definido (64%); assim como os nomes de bairro (86%).

7 Considerações finais:

Com relação ao gênero, a variante presença de artigo diante de topônimos é ligeiramente mais utilizada pelos homens (53%) do que pelas mulheres (51%). Em Matipó, por sua vez, a situação se repete com relação aos topônimos, os homens utilizam mais artigo definido (62,5%) do que as mulheres (46%).

Em Abre Campo e Matipó, o fator idade não foi determinante para a análise do fenômeno em questão; o uso do artigo definido tanto diante dos topônimos não parece ser motivado pelo fator idade.

Quando se analisa os topônimos da cidade natal do informante, vê-se que em Abre Campo esse fator não foi determinante (56% de presença); mas que, em Matipó, os falantes tendem a utilizar o artigo definido para se referirem aos topônimos de sua cidade natal (71% de presença), ao passo que usam a ausência de artigo definido para se referirem aos topônimos de outras localidades, isso pode ser atrelado também ao fator intimidade, ou seja, os informantes de Matipó empregam mais artigo definido a se referirem a localidades com as quais eles possuem mais familiaridade e afetividade: a relação de proximidade com os topônimos da cidade natal é muito maior, o que justifica o uso do artigo; quando se trata de topônimos de outras localidades, não existe ou quase não existe esse tipo de relação, o que justificaria a ausência do artigo definido.

Quanto ao fator tipo de topônimo, colocado por alguns gramáticos como determinante para o emprego ou não do uso do artigo definido, verificou-se que em Abre Campo, o número de ocorrências de alguns fatores não foi suficiente; quase todos os topônimos referiram-se a nomes de cidade ou de distrito, sendo vista uma leve tendência a utilizar esses nomes sem artigo definido (55%); já os nomes de córrego, foram quase todos utilizados com a presença de artigo (86%). Em Matipó, o número de ocorrências de diversos fatores também não foi suficiente; assim como em Abre Campo, a tendência é não se empregar artigo definido diante de nomes de cidade ou distrito, sendo que o percentual de empregos sem artigo nessa cidade é um pouco maior (65%); já os nomes de fazenda, sítio ou casas, tendem a ser empregues com artigo definido (64%); assim como os nomes de bairro (86%).

8 Referências:

BLASENHEIM, Peter. Uma história regional: a Zona da Mata Mineira. In: _____. *V Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1982.

CALLOU, Dinah. *A variação no Português do Brasil: O uso do artigo definido diante de antropônimo*. Faculdade de Letras da UFRJ, *Série Conferência*, vol. 9. Rio de Janeiro, 2000.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa: com numerosos exercícios*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1981.

CUNHA, Celso Ferreira. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Fename, 1975.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A língua de São Paulo. *Revista USP*. Set./out./nov. 2004.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo. 2ª Edição. 1990.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MILROY, James. *Linguistic, variation e change. On the historical sociolinguistic of English*. GB: Basil Blackwell, 1992.

MILROY, Lesley. *Language and Social Networks*. (1980). Massachusetts, Blackwell, 1980.

MIRA MATEUS, Maria Helena et all. *Gramática da Língua portuguesa*. Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual. Coimbra: Almedina, 1983.

MOISÉS, Juliana de Assis. *O “lugar” do artigo no discurso: considerações sobre o uso do artigo no português culto falado em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

ROCHA LIMA, Carlos H, da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Formação Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1967.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2000.